

REVISTA
DE

TURISMO

PUBLICAÇÃO MENSAL
DE TURISMO, PROPAGANDA,
VIAGENS,
NAVEGAÇÃO, ARTE
E LITERATURA □ □ □

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA «REVISTA DE TURISMO»

ANO VI
II SERIE

5 DE DEZEMBRO 1921
N.º 114

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO
SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
EDITOR: F. FERNANDES VILLAS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 — TELEFONE 2337 CENTRAL

Sociedade Portuguesa de Hoteleiros

A Terra Portuguesa, onde o turismo deveria merecer os mais desvelados cuidados, por isso que é uma nação de turismo por excelência, acha-se, infelizmente, sob este ponto de vista, em grande inferioridade em relação aos outros paizes da Europa. E, todavia, Portugal possui, como nenhum outro, muitos pontos de maravilhosa e admirável beleza.

Torna-se, pois, necessario desenvolver aqui o turismo por uma forma pratica e viavel. Para isso indispensavel é a criação d'uma Sociedade Portuguesa dos Hoteleiros.

Esta instituição, visando á aproximação de todos os industriaes da hotelaria portuguesa, tem por fim facilitar-lhes a troca mutua d'impressões para a defeza dos seus interesses, para o aperfeiçoamento da sua industria, intimamente ligada ao progresso e desenvolvimento do turismo, para a remodelação do estado moral e material, no ambiente da instalação, especialmente no que respeita ao pessoal.

Além d'outras e legitimas atribuições que competem á ação complexa e vasta d'essa Federação, algumas ha que se podem definir desde já, como inherentes ao programa da sua função, como organismo nacional de incontestavel alcance moral economico e progressivo.

Entre elas podemos já destacar as seguintes:

a) Estudo de quanto se relacione com o progresso da Industria Hoteleira Portuguesa e da legislação a ela referente.

b) Fixação de preceitos obrigatorios para todos os Socios, sobre calculo de preços; fixação de tarifas das epochas d'exploração intensiva e outras investigações conducentes á adopção de principios de absoluta seriedade na exploração hoteleira, e de lucta contra a concurrencia desleal de hoteleiros menos escrupulosos.

c) Reclame hoteleiro feito no paiz e no estrangeiro, procurando, o melhor possivel, as indicações da «Sociedade Propaganda de Portugal».

d) Creação e manutenção de boas relações com as associações similares estrangeiras, com a imprensa e com quaesquer entidades do paiz que, por qualquer forma, possam auxiliar o desenvolvimento do Turismo em Portugal.

e) Creação d'uma Agencia de colocação d'empregados de Hotel.

f) Publicação anual d'um guia intitulado «Os Hoteis de Portugal», indicando para cada Hotel: a situação, altitude, preços de pensão e refeições, nome do proprietario ou director, etc., etc.

g) Ação persistente sobre as auctoridades competentes no sentido de conseguir d'elles a conservação das estradas de fôrma a tornar possível a circulação de automoveis, factor importantissimo na atração de turistas estrangeiros.

h) Ensino e educação do pessoal hoteleiro, por intermedio da instituição d'escolas ou de outros meios julgados eficazes.

i) Regulamentação dos salarios do pessoal.

Taes são, entre muitos outros, os principaes pontos pelos quaes deveria começar a iniciativa de uma Sociedade Hoteleira Portugueza destinada a produzir em Portugal as mesmas vantagens que iniciativas similares teem sabido proporcionar á Suissa, á França e a outros paizes da Europa, pelo notavel desenvolvimento de correntes de Turismo que constituem inexauriveis fontes de riqueza para esses paizes.

Pertence a uma Federação d'esta natu-

reza a função de congregar n'um organização homogênea e poderosa os proprietarios de Hoteis, de estabelecimentos de cura e de pensões com o fim de assegurar á industria hoteleira nascente o logar que lhe compete na economia nacional e de a habilitar a exercer no Estado a influencia correspondente á sua situação.

A ação persistente, inteligente e honesta da Industria Hoteleira pertence á restauração das correntes de Turismo interrompidas pela guerra mundial e á criação e desenvolvimento d'outras novas.

A todos os Proprietarios e Directores de Hoteis dirijo este apelo para que com as suas adesões se dignem enviar-me quaesquer alvitres que melhor lhes possa ter sugerido este assumpto, de tão magna importancia para o progresso do Turismo Portuguez.

Bom Jesus de Braga.

LÉON KUÉS

EXCURSÃO AO ALGARVE

IMPRESSÕES DE VIAGEM

NA PRAIA DA ROCHA

SAHIMOS de Faro, depois d'um succulento jantar no Grande Hotel, por um anoitecer pouco tentador.

De dia, um céu nevoento ameaçando chuva, fez-nos supôr que o tempo se tornaria brusco, e que impediria a continuação da nossa viagem; pois, embora o nosso programa tivesse sido estabelecido com o entusiasmo de sêr escrupulosamente cumprido, o seu traçado foi, todavia, feito sob a idéa de gozarmos um bom tempo. E, se bem que, á partida de Lisboa, esses auspícios se tivessem um pouco toldado, por termos embarcado sob uma atmospheria pardacenta e chuvosa, aquele nosso entusiasmo não esfriou, pois alimentavamos então, com a alegria d'um

feliz passeio, a esperança de que houvesse no Sul um tempo propicio á satisfação dos nossos quentes desejos.

Infelizmente tal não succedeu. Já em Hespanha a nossa visita foi prejudicada pela chuva que cahiu, quando ali estivemos.

Porém, embora o tempo não tivesse melhorado com a nossa volta á Terra Portugueza, ainda nos aventurámos a ir até a Praia da Rocha; e assim, de Faro tomámos esse destino.

N'um compartimento de 1.^a classe, que parecia expressamente reservado para nós, aconchegámo-nos moral e fisicamente, recordando os episodios da viagem e entre-tendo o espirito com divagações que quasi

sempre surgem em horas de alegre convívio. O comboio ia caminhando sem que déssemos, por assim dizer, pelo temporal que no espaço furiosamente se desenrolava. Só, ao chegar a Portimão, nos apercebemos do mau tempo que fazia; mas como o unico recurso era seguir ao nosso destino, não hesitámos, como bons portugueses, em andar para deante.

Eram cerca de 10 horas da noite quando desembarcámos na gare de Vila Nova de Portimão, esperando encontrar facil transporte para a Praia da Rocha. Mas — oh! cruel decepção! — as poucas carrinhas que ali esperavam os passageiros d'esse



Vista da Praia da Rocha

comboio, estavam já todas cheias e de largada. Não tínhamos nenhum meio de transporte, nem para Portimão, nem para a Praia; e o temporal era apavorante. A chuva humedecendo o vento desabrido que fazia, tornava impossível qualquer tentativa para sairmos da estação. A perspectiva era quezilenta, pois que, mesmo ali, não consentiriam que ficassemos. E embora isso nos pudesse ser permitido — como havíamos de passar toda uma noite desde as 11 horas? Sem comodidade alguma; sem nenhum conforto, só nos restava a expectativa benevola e humanitaria dos empregados, tolerando-nos dentro da estação, e consentindo que, para passar o tempo, passeiassemos d'um para outro lado, até que o dia rompesse, ou um acaso da providencia nos proporcio-

nasse o ensejo de sêmos conduzidos até o primeiro e mais proximo hotel.

Estavamos n'estas tristes conjecturas, obscurecidas, ainda, pelas manifestações agrestes do Boreas, cada vez mais tenebroso, quando — já passado tempo — surgiu, como por encanto, uma carrinha cujo conductor tinha sido iluminado pelo espirito divino, para vêr se na estação havia alguns retardatarios que justamente esperassem, anciosos, a vinda d'um Messias Salvador. O nosso espirito, por sua vez iluminou-se, então, da alegria que deve sentir um naufrago ao agarrar-se á tábua de salvação.

Supomos que a semelhança era a mais perfeita.

Chegados á fala com o nosso providencial salvador, apenas nos limitámos a perguntar-lhe se estava disposto a ir á Praia da Rocha, pois uma vez animados com o sorriso que a sorte nos tinha prodigalisado, o nosso desejo exigia-nos que seguissemos o nosso intento.

O bom do conductor da carrinha fez-se valer da situação, alegando que estava muito mau tempo, que a estrada se achava intransitavel; todavia não tinha duvida em lá ir; tanto mais que a con-

fiança no animal que puxava o carro era absoluta.

...E lá fomos.

Mas, se não fosse aquela absoluta confiança que nos era assegurada e o espirito, um tanto anormal mas animador, do cocheiro — um bom velhote com bastante vida e maior alegria — creio bem que tínhamos desistido a meio caminho.

Logo á sahida da estação a estrada para a Ponte sobre a ria, e a facha de rolagem d'esta, faziam perder o entusiasmo ao mais destemido. A carrinha ora se inclinava para a esquerda, ora adornava para a direita, n'um desequilibrio que nos fazia perder a esperança na respectiva estabilidade.

Emfim, voltando aqui, saltando acolá, sempre á espera de... enxurrarmos, con-

seguimos chegar á estrada da Praia e pouco depois ao Hotel Vióla, á porta do qual descemos; fazendo de nós descer o maior suspiro de alívio que exhalámos em toda a viagem, quando nos convencemos da nossa perfeita integridade em porto de salvamento.

Não podêmos deixar de consignar, n'esta simples descripção, feita já a muita distancia do facto, que ele nos impressionou sobremaneira.

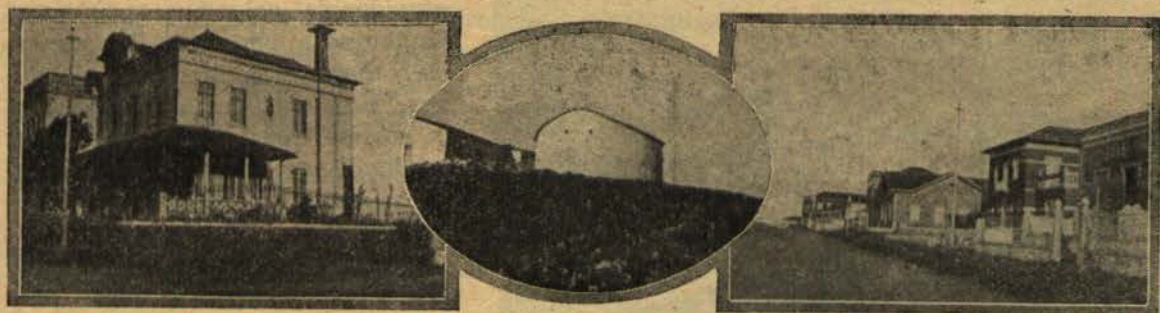
E tanto que ainda hoje o recordamos como um dos episodios mais interessantes d'essa nossa viagem.

Justo é, porém, que aqui consagremos a nossa admiração pelo cavalinho que puchava a carrinha — que realmente era merecedor da maior confiança; e n'esta

que, de resto, era um motivo d'interesse para um turista.

Combinámos, então, proporcionar ao corpo o repouso que ele já estava solicitando de nós; e assim, intalámo-nos nos modestos quartos do Hotel Viola, unico existente no sitio e cuja tradição percorre toda a orla algarvia.

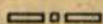
Na manhã seguinte erguêmo-nos cedo; mas o nosso desapontamento foi grande ao vêmos que, infelizmente, o vendaval que durante a noite pouco amainara, não nos proporcionava ocasião para bem apreciarmos essa praia do sul de Portugal, cuja nomeada atinge já a orbita do estrangeiro. Todavia, predispozemo-nos aos caprichos do Boreas, e n'umas abertas gozámos tanto quanto nos foi possível, tirando



PRAIA DA ROCHA — Diversos trechos

nossa especial apreciação vae o elogio para a benemerita e prestimosa raça cavalar, que tão bemfazeja e humanitaria se mostrou n'esse difficil transe da nossa acidentada excursão por intermedio d'esse seu muito sympathico representante. Ao cocheiro, esse velhote que, com o seu bom humor, nos proporcionou uma viagem tanto quanto possível distrahida, tambem nos confessamos muito gratos.

— Se não fossemos esquecidos, aqui prantávamos o seu nome, como justa homenagem a esse heroe.



Em bom recato, fomo-nos refazer dos abalos da viagem, tomando um chazinho reconfortante, durante o qual a nossa conversa incidiu sobre a aventura passada,

fotografias, algumas das quaes damos hoje á estampa.

Devemos, porém, dizer, em boa verdade, que, se essa praia tem encantos muito originaes durante a epoca propria, quando a assistencia e a animação caracterisam a sua estonteante vida, no inverno, a plácidez das suas poucas ruas, o isolamento das suas variadas casas e a tristeza que, em geral, é timbre de todas as praias fóra da estação propria, dão á Praia da Rocha os atractivos encantadores exigidos pelo nostalgico da solidão.

O passeio da avenida marginal, ao fundo com o velho Castelo defendendo a entrada da ria de Portimão, d'onde se avista um panorama soberbo em horisonte e em factos emotivos; a vista para o lado do Arade, com as suas originaes margens; a praia dos *tres ursos*, extranha pela sua

originalidade; a vastidão do plano marítimo, por onde a vista se dilata em scismatico extasis; tudo, emfim, que se des-cortina d'um lado para o outro, desde a Ponta de Sagres até o Faról da Santa Maria, proporciona o maior prazer que o espirito, cançado dos postiços e das fantasias e motivos do momento presente, pode justamente ambicionar.

Foi essa a impressão que colhemos na visita feita por étapes — aproveitando os momentos d'intervalo da impenitente chuva.

Por via d'ela transtornou-se o resto do nosso programa; obrigando-nos assim, a um antecipado regresso.

Já agora, deixamos o final para outro numero.

A. L.

HOTELARIA PORTUGUEZA

OS HOTEIS EM LISBOA

DECIDIDAMENTE a hotelaria alfacinha assemelha-se a uma velha arvore desprezada no meio d'um campo isolado, e que, a pouco e pouco, vae, pela ação do tempo, sendo despojada dos seus ramos, dos seus troncos, até ficar na raiz, que se-guidamente entra de apodrecer.

E' um paralelo talvez pouco exemplifi-cante, mas algo semelhante.

Ao numero dos hoteis desaparecidos em pouco tempo, e que eram dos melho-res e mais antigos, ha agora a juntar um outro: o *Durand*, instalado n'uma casa do Largo do Barão de Quintela.

Não teve nunca esse hotel a cathegoria dos seus companheiros de infortunio — o Bragança e o Central. Estes distinguiram-se pela sua especial e selecta clientela, que, em geral, era de principes, diplomatas e argentarios.

O Hotel Durand era mais modesto, nem por isso deixava de t'er uma especial fre-guezia, sobretudo de estrangeiros, que muito apreciavam o socego do sitio, toda-via no coração da Cidade.

Pois esse tambem antigo hotel desapare-ce, para dar logar, certamente, na sua archaica instalação, á séde d'alguna pode-rosa Companhia.

Não é, porém, sem magua que regista-mos esta noticia, porque nos habituámos, desde pequeninos, á existencia d'esse es-

tabelecimento, e, principalmente, porque o seu desaparecimento, especialmente quando a falta de hoteis se está fazendo mais sentir, vem constituir um novo embaraço ao desenvolvimento do turismo e á insta-lação dos visitantes da nossa capital.

De facto, para o augmento de forasteiros que se tem registado ultimamente em Lis-boia, com tendencia progressiva, que com-pensação tem havido ao desaparecimento d'esses importantes hoteis?

De novo apenas abriu o Hotel de l'Eu-rope, na Praça do Camões; e acha-se em construção o Grande Hotel de Portugal, aproveitando-se uma propriedade da Rua do Amparo, que está sendo totalmente re-modelada para esse fim.

Consta-nos que esse hotel assentará em bases modernas d'administração e que ficará sendo um estabelecimento aprecia-vel. Ele tem, porém, para nós, ao primeiro golpe de vista, o inconveniente do sitio, que sendo central, não se nos afigura, todavia, muito proprio a uma instalação d'esse genero.

Emfim, sempre é mais um hotel; e oxalá ele venha a desempenhar cabalmente as funções que lhe estão destinadas, mór-mente agora, que mais um hotel, antigo e conceituado, deixa de figurar no numero dos estabelecimentos de hospedagem em Lisboa.

E' para lastimar, tambem, que, manifestando-se ainda a iniciativa particular com um certo entusiasmo na pratica da exploração de diferentes industrias, para as quaes facilmente se teem reunido os capitães necessarios, sem qualquer garantia que a isso os anime, e cujos resultados são, em alguns, verdadeiramente problematicos, a industria hoteleira, que tem actualmente uma lei a proteger os seus novos estabelecimentos, se ache desprotegida da sorte das iniciativas e dos capitalistas.

Pois estamos em crêr que, apesar de todas as dificuldades da situação anormalissima que atravessamos e que muito directamente affectam a industria hoteleira, ela, apesar de tudo, é e ha-de, de resto, ser sempre de apreciaveis resultados para os capitães n'ela empregados, desde que se trate d'uma empresa grande, com facilidade de creditos e regida por séria, honesta e competente administração.

No estrangeiro, especialmente em França, são concedidas todas as facilidades para o desenvolvimento d'essa industria, a que o Touring-Club de França dá uma assistência moral e material verdadeiramente notavel.

A questão do «credito hoteleiro» está ali sendo tratada com o mais assiduo cuidado, esperando-se em breve atingir o desideratum ha muito desejado.

Cá, algumas tentativas feitas já para a formação d'uma grande empresa hoteleira baseada sobre a constituição d'um banco privativo e de todas as demais condições que asseguravam um verdadeiro cooperativismo, sob todos os pontos de vista das necessidades d'essa industria, teem esbarrado na estúpida indiferença dos que podiam e deviam animar tão patrióticas iniciativas.

Em compensação, para *outras coisas*, não falta o apoio moral e material.

— Dizemos isto simplesmente movidos pela tristeza que nos causa o abandono completo das mais elementares noções de civismo que são inherentes a todos os seres civilisados, e que infelizmente hoje é um dos característicos da sociedade portugueza.

— *Mas tout passe, tout casse, tout lasse et tout se remplace.*

Noticias diversas

Os horarios de inverno nas linhas francezas

APESAR da grande aceleração que os comboios de todas as linhas francezas subiram nas respectivas marchas com o estabelecimento do horario de verão, agora, no do inverno, ainda essa velocidade vae ser augmentada, principalmente nas linhas que comunicam com a Belgica e com a Inglaterra.

Isso facilitará muito o intercambio de passageiros.

Novo-horario

DESDE o dia 30 d'Outubro passado achase em vigor, em todas as linhas portuguezas, o novo horario d'inverno, estabelecido em harmonia com as exigencias do trafego da quadra.

Um dos pontos que se procurou solucionar com vantagem, foram as ligações nas estações d'entroncamento; tendo-se conseguido assegurar-as de forma a darem, tanto quanto possivel, satisfação ás exigencias e necessidades do publico.

Principalmente as relações do Norte e Sul com as Beiras foram estudadas e postas em execução de maneira a que os passageiros percam o menos tempo possivel em viagem.

O «Sud-Express»

ESTE comboio de luxo, que actualmente circula tres vezes por semana, passa a circular diariamente entre Lisboa e Paris a começar em 15 de Fevereiro do proximo ano. A partir d'essa data a sua composição é feita com as novas carruagens que a Companhia Internacional dos Wagons-Lits tem presentemente em construção.

CARTAS DE PARIS

*Uma viagem inesperada à Suíça — Passagem das fronteiras sem passaporte —
Gênève e a sua tranquilidade — O seu
asseio e a sua estetica irreprehensivel —
Os patos e as gaivotas do lago Lemain*

DESDE ha muito que pensava em ir á Suíça. Varias vezes consultei mapas, guias, horarios—enfim, toda a tragica regulamentação de caminhos de ferro; mas, ao chegar ao capitulo orçamento, era obrigado a recuar ante o elevado valôr do franco suíço que, ha muito, se guindou a uma tal altura que difficil é chegar-se-lhe...

Em vista d'isso, tinha-me resignado a lá ir, só d'aquí a dois ou três anos, quando o maldito cambio viesse cá para baixo, até o alcance da pacata bolsa do misero trabalhador.

Mas, o acaso nem sempre é tão estúpido como o supõem. E d'esta vez veio bem corroborar essa afirmativa. Tive, porém, que partir, tão inesperadamente, que por falta absoluta de tempo me foi impossivel munir-me de passaporte, dos indispensaveis guias, meus fleis companheiros de sempre, tanto que, depois do dinheiro, são os meus mais dilectos auxiliares.

Eram seis horas da tarde quando a viagem foi resolvida. Era um sabado; e tinha de partir no domingo, no rapido das 7,50.

Não hesitei um momento.

Tambem Vasco da Gama, quando dobrou o grande Cabo em procura de novas terras, não ia guiado se não pela sua coragem e resolução.

Portanto parti, pensando todavia que ao chegar á fronteira não me deixariam passar. Paciencia. Volto para traz.

Para quem não conhece Paris e os seus habitos madrugadores, devo dizer

que, aqui, todos os comboios rapidos de longo curso, partem á róda das 8 horas, sendo raro aquele cuja partida vae até ás 8 e meia.

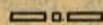
Para maior esclarecimento acrescento que a gare de Lyon é a mais afastada do centro de Paris.

De Momartre lá são uns bons cinco kilometros.

A idéa de ir á Suíça fez-me acordar cedo, e saltei para a rua ainda com os candieiros acesos. Um «taxi» que passava, não obstante o conductor trazer o bigode e a barba cheios do orvalho da manhã, conduziu-me rapidamente á gare, onde uma azafama de abalada aquecia o ambiente.

Nada menos de seis comboios expressos esperavam o signal da partida.

Partimos á tabela.



Devo aqui dizer que a minha missão era d'um cuidado extremo acompanhar uma criança de 10 anos, um filhinho estremecido d'um amigo, que ia a Gênève, entregar-se aos cuidados do medico Spalenger, que se está celebrisando pelas suas curas maravilhosas da tuberculose.

O comboio ia quasi vazio.

Na nossa carruagem, seis pessoas apenas. Ao almoço não havia mais de duas duzias de comensaes.

E' um phenomeno que se está realizando em França.

Os comboios, não importa de qual linha, andam quasi vazios. A marcação de luga-

res — honoroso legado da guerra — passou á historia. A bicha ás bilheteiras, constitue já uma vaga recordação.

A viagem foi por isso agradável, e a noite tombou rapidamente. Ás 6 horas da tarde chegavamos a Bellegarde, estação fronteiriça, e onde devíamos descer, pois na incerteza de não me deixarem passar sem passaporte, ficariamos ali á espera que viessem buscar o meu querido doente.

Ao parar o comboio, porém, duas senhoras nos aguardavam:—eram a irmã do medico e uma ingleza alta e loira, amiga do meu pequeno camarada. que ali o vinham buscar de automovel.

Expliquei-lhes a minha triste situação, de estar ali sem passaporte, e o meu desejo, de ver a Suissa do sonho e dos lagos encantados.

As duas senhoras, a um tempo, acudiram, que fosse, ninguém diria nada, demais para nós sahirmos da estação não necessitavamos de passaporte, e ao atravessarmos as barreiras ninguém diria nada. Tenho ouvido dizer que para uma conspiração ser feliz, o conselho d'uma mulher nunca se deve desprezar.

Subi para o automovel. Era noite fechada, e tinhamos 35 kilometros a vencer.

Uma hora depois chegavamos á fronteira. Uma barraca, que parecia vinda da frente da batalha, jazia ao lado da estrada, abrigando dois guardas, que anichados junto ao fogão, cachibavam em silencio. Um d'eles levantou-se, leu os papeis do automovel que o conductor lhes foi apresentar, deitou um olho mortício para o carro, e mandou partir.

A primeira trincheira estava passada; vamos a vêr agora se na entrada da Suissa os guardas são assim amáveis. Tinham decorrido apenas dois minutos, o auto estaca, dois guardas Suissos cercam-no, olham-no de alto abaixo, um d'eles meteu a cabeça na janela a perguntar se levavamos tabaco. Uma das senhoras garantiu que ali ninguém fumava. O auto rolou.

Eu estava salvo e estava na Suissa.

minutos depois apeavamos-nos á porta do Hotel Metropole.

Chamaram para o jantar. Fui á mesa fazer acto de presença. Estava maçado e fui dormir.

No outro dia pela manhã, fui á janela ver o lago Lemain, ali em frente, onde os vapores da carreira de Lausanne balançavam como grandes gaivotas.

Sahi. Cá fóra fazia um frio leve, agudo, mas sêco. As arvores ainda com folhas, tinham o ar melancolico do verão de S. Martinho, que este ano na Suissa fora consideravelmente prolongado.

Mas o estrangeiro, ao chegar a Genève, embora venha de Paris, uma coisa lhe salta á vista:—é a ordem ornamentaria que rege por toda a parte. As casas teem um gosto symetrico perfeito; as ruas e os jardins parecem feitos pelo mesmo plano de esthetica, estando tudo envolto n'um asseio que deslumbra.

Depois, parece-nos que estamos não n'uma cidade mundana e buliçosa, mas n'um pateo d'um hospital. Os carros electricos circulam quasi sem ruido; a gente move-se placidamente com medo de pisar as pedras da calçada.

No lago Lemain junto das pontes que lhe atravessam o canal, bandos de patos e gaivotas seguem-nos com a vista á espera que lhe atiremos com pão. Junto á estatua de Jean Jaques Rousseau, na sua celebre ilha, os pardaes saltam-nos para o colo, e olham-nos com uns modos reprehensivos, porque nada lhe trouxemos para comer.

As crianças veem ali divertir-se, trazendo-lhes bocados de pão amassado, de forma que não possa ficar á tona d'agua. Os patos ao ver cahir esse bocado de alimento, mergulham e vão ao fundo busca-lo; depois, vindo acima, sacodem-se da agua e olham agradecidos para os seus pequenos protectores.

Isto constituiu quasi o meu primeiro dia em Génève.

Paris, Novembro 1921.

GUERRA MAIO

Um nevoeiro leve cobria a cidade, e dez

ARTE E LITERATURA

SONETO

*Tua frieza aumenta o meu desejo ;
Fecho os meus olhos para te esquecer ;
E quanto mais procuro não te vêr,
Quanto mais fecho os olhos mais te vejo.*

*Humildemente, atrás de ti rastejo ;
Humildemente, sem te convencer,
Emquanto sinto, para mim crescer,
Dos teus desdens o frigido cortejo.*

*Sei que jámais hei-de possuir-te ; sei
Que outro feliz ditozo como um rei
Enlaçará teu virgem corpo em flôr.*

*Meu coração entanto não se cança ;
Amam metade os que amam sem esperança,
— Amar sem esperança é o verdadeiro amôr.*

EUGENIO DE CASTRO

UMA EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA*TAPETES DE BEIRIZ*

EXHIBE-SE presentemente, no vasto salão da Sociedade Nacional de Belas Artes, á Rua Barata Salgueiro, uma original e interessantissima exposição d'um verdadeiro producto portuguez: — os tapetes de Beiriz.

Já vagamente, em tempo, a "Revista de Turismo," aludiu a esta industria genuinamente nacional, sem, todavia—certamente por circumstancias imprevistas—têr podido dedicar-lhe uma mais especial atenção. E embora não a considerassemos uma industria estacionaria, não pensavamos que os seus progressos se manifestassem tão acentuadamente como o provam a exposição a que nos estamos referindo.

E' interessante, pois, dar a conhecer ao publico como se tem manifestado a actividade dos seus inteligentes promotores, a Sra. D. Ilda Almeida Brandão de Miranda e seu marido, o Sr. Carlos Rodrigues de Miranda, e por isso, para aqui trasladamos a descrição feita por S. Exas.

«A fabrica nasceu aureolada pela Dôr.

«Foi a perda d'um ente querido que nos forçou a fixar residencia em Beiriz, na Casa de Calves. Ahi, na solidão do nosso isolamento, sentimos a necessidade de atenuar o desgosto porque estavamos passando, com as preocupações do trabalho. Lembrámo-nos, então, de pôr em pratica a idéa de desenvolver a industria dos tapetes, que primitivamente conheciamos. Assim, a nossa obra teve um inicio modesto. N'uma das dependencias do Solar em que habitamos, instalámos uma pequena officina, onde ensaiámos a confeção dos nossos primeiros tapetes, adestrando o pessoal feminino que recrutámos na localidade e que nos pareceu mais idoneo para a especialidade do trabalho. Porem, os progressos que essa nossa industria ia manifestando, animaram-nos a augmentar as primitivas instalações. Para isso fize-

mos construir edificio apropriado, com officinas cheias de luz e de ar, com vastos armazens, maquinismos e todos os reque-sitos necessarios.

O pessoal é todo feminino, computando-se por cerca de duzentas operarias o numero das que ali trabalham. Ao começo foram seis ou oito. Ha-as de todas as idades; sendo empregadas, consoante a sua idade e aptidão, nos diferentes trabalhos.

Por esta forma conseguimos dar a Fabrica de Beiriz, alem da importancia propria da sua industria absolutamente nacional (pois apenas as anilinas são importadas do estrangeiro), a ação humanitaria de educação, e amparar muita rapariga que, sem este valioso auxilio, emigrava para os grandes centros ou se limitava a passar uma vida de morigerção pouco util á sociedade. Por diferentes motivos e no intuito de lhes proporcionar distração e encaminhal-as na senda d'uma real fraternisação, organisamos com elas diversas festas, taes como recitas, kermesses, arraiaes em que predominam os cantos e danças regionaes, revertendo o producto da receita que se obtem em actos de caridade.

Por esta forma, toda a população de Beiriz quere ser empregada na Fabrica; de resto pouca falta para isso.

A Fabrica tem já bastantes agencias, devendo dentro em pouco abrirem-se outras. As actuaes são no Porto, no Rio de Janeiro, na Bahia, em Paris e em Londres».

Referindo-nos agora aos trabalhos expostos, devemos dizer que eles são uns perfeitos mimos. A beleza da confeção, a arte representada nos desenhos que sobresaem por uma justa tonalidade de côres, o gosto que se revela em todas as suas minudencias, são motivos de apreço e de real valor para esses tapetes, que hoje

constituem o complemento indispensavel na artistica ornamentação d'um lár.

...E o espirito, regalando-se na contemplação d'essa obra genuinamente portugueza, por isso mesmo a aprecia com verdadeiro entusiasmo.

A «Revista de Turismo» felecitando-se por registrar nas suas columnas uma tão interessante noticia, felicita tambem, com viva alegria, os ilustres promotores d'essa bela industria nacional, fazendo votos para que ela progida incessantemente.

CARTAS DE LONGE

ENTRE MINHO E DOURO

CHRONICAS D'UM

TURISTA SENTIMENTAL

MEU «NARCISO»

No lêdo encanto da viagem que nos ias proporcionando, chegámos, dentro em pouco, ao pitoresco Vale de Vizela e, logo, após, ao sitio das thermas — que foi a primeira vez que visitei. Por isso cheguei a sentir-me momentaneamente estrangeiro... Rapida, porém, foi essa minha ilusão, porque momentos depois, volvi á realidade de estar em terra bem portugueza — o que me era atestado vibrante-mente por tudo e por mais alguma coisa: é que logo d'entrada vi mulheres tão bonitas como só se encontram em Portugal — sem necessidade do Concurso do *Diário de Noticias*...

Como a manhã já tivesse cedido lugar ao dia, o teu sympathico amigo Vasco de Queiroz — que era, afinal, quem te tinha convidado para o almoço e que foi gentilissimo na recepção que a todos nos proporcionou — encaminhou-nos para o vasto salão de jantar do antigo Hotel Cruzeiro do Sul — onde então se achava instalado.

Compostas as nossas *toilettes*, fômos tomar lugar em uma meza n'um dos angulos do salão, junto de alguns amigos alfacinhas, que ahi encontrámos escravos... das prescripções da medicina.

Decorreu o almoço como, em geral, se passa em todos a que presidem os mais

salutares principios, aliados aos encantos d'uma requintada amabilidade.

Terminada a refeição, fômos visitar a instalação das thermas, que nos deixou boa impressão; seguindo d'ali para o parque, á beira do Rio Vizela. As belezas marginaes d'esse Rio atrahiram-nos; e, por isso, não resistimos á tentação, de, mais de perto, gozarmos dos prazeres que elas ofereciam á nossa vista, tanto mais captivantes quanto o seu relevo era bem saliente pelos diferentes tons d'uma muito difusa luz.

Embarcámos, então, n'um dos pequenos barcos que se ofereciam para esse gozo.

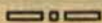
Tive, eu, por momentos, a ilusão de têr entrado n'uma gondola para uma deliciosa serenata veneziana. Mas, se os lagos e canaes de Veneza teem uma poesia muito original, muito atrahente para os venezianos, as margens de todos os nossos rios não teem possivel paralelo em parte alguma do Mundo, porque não será facil encontrar-se o conjuncto soberanamente belo que apresentam os rios de Portugal.

Não podemos especialisar nenhum, porque todos eles são simplesmente encantadores. Cada, porém, mostra-se com a sua especial configuração, a que a Natureza dá a originalidade dos seus proprios encantos. D'entre os mais poeticos que conheço, como sejam — eu sei? O Lima, por exem-

plo; o Minho; o Mondego; o Homem, o Souza; o Ave; o Dão; o Liz; e tantos outros — o Vizela, tem por igual as suas belezas, tão nativas, de tantas sedução que nenhuma fotografia poderá descrevel-as com verdadeiro realce.

Por isso, a minha ilusão ao embarcar na pequenina canôa, para singrar nas suas cristalinas aguas, não foi senão uma fantasia dos sentidos — quem sabe se justamente para me fazer crêr que o que estava vendo e mais de perto ia apreciar, era incomparavelmente mais belo do que o que se me aflorou á mente, sem uma justificada razão.

— Ainda se connosco tivesse embarcado alguma italiana...



Gozámos verdadeiramente encantados.

A beleza do dia, brilhantemente iluminado pelos dardos faiscantes do Asto-Rei; a amenidade da temperatura; o encanto da paisagem; a nossa boa disposição, provinda não só do interessante passeio que déramos até ali, como do agradável almoço que tivemos e ainda das manifestações do espirito scintilante dos nossos bons companheiros, tão superior no Roberto, como chistoso no Fernandinho; tão apreciado e interessante em ti, como por vezes original no Nuno; tudo, enfim, se conjugava para que nos fosse dado saborear, como saboreámos, esse perfeito oasis, com a maior alegria e a mais plena satisfação dos sentidos.

— O que nos divertimos com uns pequenitos que se banhavam, em estado primitivo, n'um dos minúsculos afluentes do Rio! — lembras-te?

Voltámos a terra; e ao desembarcar, espiritualmente estabeleci o paralelo entre esse encantador rio e o não menos atraente Dão. Convenci-me que a Natureza é que faz o estado dos espiritos, embora eles se manifestem, ás vezes, contrários ás situações em que se debatem.

No Dão supuz-me uma vez tão dominado pelo seu ambiente, que nasceu em mim a idéa de n'ele fazer afogar as minhas maguas, o meu espirito e até mesmo

a minha alma. Pareceu-me que nada no Mundo haveria de melhor para guardar as deliciosas recordações da minha triste vida.

A' beira do Vizela, porém, senti uma estranha energia para as fazer reviver em toda a sua pujança, com todo o colorido com que me impressionaram, com tanto ou mais sabor — se possível fosse — com que m'encantaram outr'ora. Pareceu-me que a musica da agua corrente lhes emprestava um rithmo dulcificador. Imaginei que as margens vivificantes as alegravam, lhes davam vida, côr e perfume; tive a idéa de que atravez dos potentosos raios solares, elas figuravam-se com a nitidez forte, inconfundível com que a propria imagem se me tinha gravado na mente.

— Vês!!—Ahi tens uma prova provada da reacção da Natureza operando nos espiritos.

— E tantas eu te podia dar...

No decurso d'estas cartas encontrarás, talvez, outros exemplos que confirmam esta minha asserção. Por agora fico-me por aqui para saborear ainda essas belas recordações.

Muito teu

MARIO DE MONT'ALVÃO

Novembro 1921.



ESTRADAS

O *Diario do Governo*, n.º 240 da 1.ª serie, referido a 28 de Novembro ultimo, insere a lei n.º 1238, pela qual é constituído o *Fundo de viação e turismo*, indicando a proveniencia das receitas que descrimina.

A mesma lei refere-se, tambem, ao imposto de transito em estradas, a pagar de futuro pelos vehiculos de tração animal e de tração mecanica.



ANTONIO BOTTO

CANÇÕES

BREVEMENTE SEGUNDA EDIÇÃO

A VILA DE OUREM

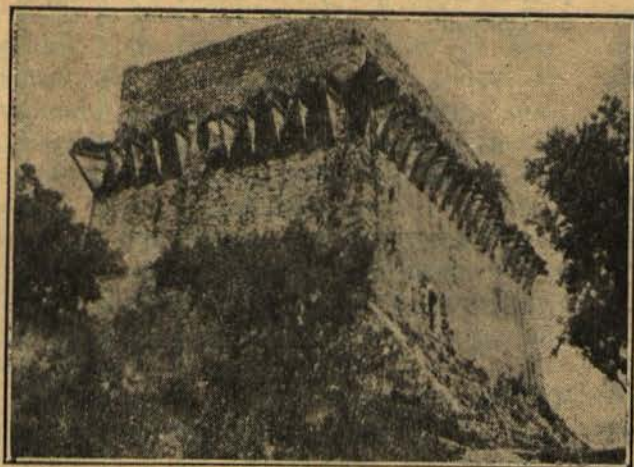
A proposito d'umas notas d'excursão publicadas no anterior numero d'esta Revista, da auctoridade do nosso muito presado colaborador sr. Ribeiro Christino, sobre Ourem, um velho e querido amigo enviou-nos uma muito interessante descripção historica da mesma vila a que, com muito prazer, vamos dar publicidade.

Intitulam-se :

Resumo tirado da Galeria Pitoresca

POR JOSÉ FLORES

Na formosa e fertil ribeira que no distrito de Santarem, se estende ao poente da estação de Chão de Maças a uns 140 kilometros ao norte de Lisboa, levanta-se um alto e gracioso monte de forma co-



Paços velhos d'Ourem

nica em cujo tôpo de acha isolado este velho burgo feudal.

Está a 18 kilometros a O. de Thomar, 18 a N. O. de Torres Novas, 24 a S. E. de Alcobaça, entre 39°, 42 de latitude e 9°, 22 de longitude.

Emquanto vamos subindo o macadam que se coleia a N. E., procurando atingir a povoação estendida em circulto, do nascente a poente, direi que esta foi a primeira terra dada pelos nossos Reis a seus filhos e que é das poucas que teem foral novissimo.

O primeiro foral foi-lhe dado por D. Thereza, em Março de 1180, e confirmado em Coimbra pelo seu sobrinho D. Afonso 2.º, em Novembro de 1217. O foral novo deu-lh'o D. Manuel em 12 de Fevereiro de 1530 em Lisboa; e o foral novissimo foi-lhe concedido por D. Pedro 2.º em 6 de Julho de 1695, na mesma Cidade.

Depois d'uma subida assáz fatigante, vamos entrar pelo arco arruinado aberto na muralha da circunvalação, denominado portas da Villa.

A curtos passos em frente encontramos a fonte de pesada architettura, notavel pela singular construção e frescas aguas que lança durante a estação calmosa.

Tem junto um chafariz sobre o qual estão abertas em cantaria as armas de D. Afonso, Marquez de Valença e Conde Ourem e de Barcellos, tendo por baixo gravado, em letra gothica, a inscripção seguinte :

«Esta fonte mandou fazer D. Afonso neto do muito nobre rey D. João e Conde d'esta Vila a qual foi arvorada e acabada no ano da era de nascimento de N. S. Jesus Christo, de M. C. C. C. XXXIV.»

Estas armas são: uma aguia de azas estendidas sahindo d'um arnez, tendo suspenso das garras um escudo inclinado com uma faxa em cruz sobre a qual es-

tão cinco escudetes com as quinas portuguesas entremeadas com quatro cruzeiros d'Aviz.

A direita está a matriz, famoso templo de construção simples, cuja fachada olha ao poente, elevando nos angulos duas torres altas e elegantes. Junto da fachada está o postigo da Sé hoje convertido n'um pequeno largo arborizado.

Foi no local da matriz que D. Afonso Henriques, depois de conquistar a Vila aos Mouros, fundou a igreja de Santa Maria de Ourem, o primeiro templo christão erecto apoz a conquista da Extremadura. Este edificio era mais inferior que o actual e o seu portico estava virado ao sul onde hoje existe a unica porta-travessa do templo. Sendo doada em Maio de 1133 por D. Thereza ao prior D. João, este, como crescessem o numero de edificios e moradores, ordenou que ela fosse colegiada, mandando construir claustro, dormitórios, refeitórios e mais apoentos para oito conegos com seu prior, sendo o primeiro o notavel pregador eborense D. Pedro João, em 1193.

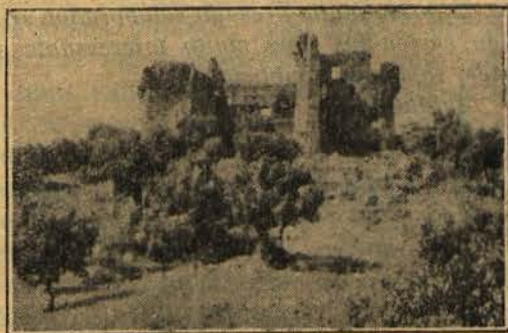
Esteve a colegiada na posse dos Conegos requerantes de Santo Agostinho até que em 1445 o dito Marquez de Valença D. Afonso, alcançando do papa Eugenio IV um breve para unir os beneficios parochiaes das quatro freguezias da Vila pertencentes ao Convento scalabitano: Santa Maria, S. Pedro, S. João, S. Thiago, e o priorado das Freixiandas que depois foi vigariaria e mais tarde curato, remodelou a igreja de Santa Maria ampliando-a e instituindo n'ela a real e insigne colegiada de Nossa Senhora das Misericordias d'Ourem.

Em 1755 o formidavel terramoto destruiu o templo, sendo reconstruido de 1758 a 1766 por El-Rei D. João 1.º.

E' de uma só nave e está anteriormente dividido por oito arcos lateraes formando capelinhas, excepto a que se acha á esquerda do arco cruzeiro em que está o guarda-vento da porta-travessa.

As Capellinhas á direita são: — Espirito Santo, Senhor dos Passos e Sacramento; á esquerda S. Bento, Senhora da

Soledade, Senhora do Rozario e Santo Antonio. Na Capela-Mór está o côro, e proximo do altar, um precioso quadro a



CASTELOS DE OUREM — Parte do Castelo que abateu

oleo de grandes dimensões, attribuido á celebre Josepha d'Obidos.

N'este quadro se lê a seguinte inscripção, a unica que existe sobre a edificação do templo:

TEMPLUM HOC
DEI GENITRICI DICATUM
ALPHONSUS VALUNT. MARCH. I
ALPHONSI DUCIS BRICANTINI F.
JOANNIS I N
PECUNIA SUA EDIFICAVIT
ANNO M. C. C. C. X. IV
SUB VETUST TE. ET TERREMOTU
CONLABSUM
JOSEPHUS I
MARLE-PRINC, DUCIS BRIG. PAT. ET CUR
PIETATE ET MAGNIFICENTIA SUA
RESTITUIT
ANNO M. D. CC. LXVI

Sob o pavimento da Capela está a chamada Capella do Marquez, onde se acham depositadas as cinzas do fundador.

A abobada é sustentada por seis columnas formando tres naves ogivais. Ao centro está o magnifico mausuleu branco, tendo deitado sob a tampa uma bela effigie do Marquez.

(Continua)

Um lapso de revisão fez com que sahisse um erro no artigo do nosso colaborador sr. Ribeiro Christino, publicado no anteior numero da Revista de Turismo, que vamos rectificar:

— Onde se lê *Aldeia da Ponte*, leia-se *Aldeia da Cruz*.

O TURISMO NA MADEIRA

AINDA E SEMPRE A MAGNA QUESTÃO DO JOGO

—A MADEIRA E OS EX-IMPERADORES D'AUSTRIA

O *Comercio da Madeira*, de 22 d'este mez, transcreveu, na integra, a minha carta que foi publicada em o numero 5 do corrente da *Revista de Turismo*; e, no seguinte numero d'aquelle jornal, faz-se referencia a essa minha carta porque ela tocou principalmente a corda da sentimentalidade madeirense.

Desvanecidamente agradeço as amabilidades d'aquelle colega; felicitando-me pelo aplauso que ele dá ás idéas que tenho feito por concretisar nas minhas cartas.

De resto, a forma por que tenho procurado esclarecer a opinião sobre as urgentes e inadiáveis necessidades da Madeira, para que ela venha a sêr o que, de ha muito, devia sêr, não me parece suscetivel de desmerecer do apoio de todos os Madeirenses, porquanto as minhas palavras, sem pretensão e despidas de formosuras d'estylo, tendem apenas a interpretar o meu sentimento patriótico. Nem outro me anima, nem deve animar ninguém que seja exclusivamente amigo da sua terra.

Sinto, porém, uma grande tristeza ao vêr que tantas e tão boas energias com que a Madeira podia contar para trabalharem proveitosamente em seu favor, se definham ou n'uma esteril e ingloria lucta politica, ou no marasmo incomprehensivel d'uma apathia sem limites.

Se a actual tempera do sangue madeirense tivesse a impulsividade da d'outros tempos, quando os seus filhos escreveram brilhantes paginas na Historia Patria, todos os nossos defeitos d'agora, estavam corrigidos; todas as nossas necessidades presentes, estavam satisfeitas; todos os desejos absolutamente legítimos, estavam servidos; — porque, se a tempera fosse a mesma, não era a politica — que desune, corrompe e envenena — que imperava,

como está imperando nos destinos da nossa Ilha; era a sua população, unida como um unico sêr, por isso mesmo forte e potente, que, apenas movida pelo superior espirito patriótico, se impunha, se movia e conseguia a mais cabal e rapida satisfação dos nossos ideaes.

— Que importa que haja em Lisboa quem ache imoral a regulamentação do jogo?

— Mas: podemos nós, os madeirenses, presumir sequer, que essa moralidade, cuja bandeira é hasteada para a repressão do jogo no Continente, possa sêr extensiva a todas as terras de Portugal? — ou pensarão os moralistas que o Continente Portuguez, as suas ilhas adjacentes e o seu vasto imperio colonial cabem todos dentro do espaço das barreiras de Lisboa?

— Porque — é preciso que se saiba bem: os mais extrenuos e acerrimos opositores á regulamentação do jogo, são, por assim dizer, na sua maioria, *alfacinhas*, cujo protesto, de resto, é dirigido especialmente a regulamentação do jogo na Capital.

Ora Lisboa não é o Funchal, e a Madeira em nada se parece com o Continente. Não é preciso sêr-se muito esperto para avaliar e apreciar as condições verdadeiramente diferentes que imperam n'um e n'outro lado da Terra Portugueza.

A Madeira tem condições de vida espezias; tem mesmo recursos para se bastar grandemente. Mas para que o seu commercio, a sua industria e as demais forças da sua propria vida prosperem a ponto de lhe darem a felicidade que ela ambiciona, necessario é que se facilitem os meios em que todas essas manifestações, vitae devem desenvolver-se. E um d'elles, senão o principal, é a regulamentação do jogo, porque ele é um poderoso atractivo para a vinda de estrangeiros, e uma fonte inexaurivel de receitas para se atender á

assistencia publica, para se cuidar das reparações e melhoramentos inadiaveis, para estimular a idéa de novos beneficios.

Está dito e redito; mas nunca é demais repetir-se: a Madeira, pela sua excepcional situação no globo, usufrue d'um clima privilegiado, que nenhum outro se apresenta em parte alguma, tão atrahente para curas de repouso e para recreio dos que tem necessidade d'uma temperatura sem bruscas nem sensíveis oscilações, como recomendavel para o tratamento de doenças que requer condições fisicas especiaes, como a nossa Ilha apresenta.

O seu quasi isolamento; a sua captivante flora, os seus originaes atractivos, as suas inéditas belezas, são outros tantos factores que imperam grandemente para que ela gozê d'uma autonomia relativa.

Portanto, seja porque lado forem apreciadas as suas condições, tudo indica que, mesmo que nenhuma outra terra portugueza possa — em face da... Moral — gozar da regalia da regulamentação do jogo, a Madeira é que tem de constituir forçosamente uma excepção, que todos hão de concordar que é a mais legitima.

...E enquanto isso não succeder, os Madeirenses não devem pensar em outra coisa.

Referi-me, atraz, á estagnação da vitalidade madeirense; e infelizmente esse facto é tão verdadeiro, que tudo o corrobora.

Não entrando em apreciações multiplas e varias, limitar-me-hei a pôr em relevo um simples facto que bastamente o comprova.

Se bem que a nossa ilha seja conhecida em muitas partes do Mundo, o certo é que, apesar da beleza e originalidade dos seus productos cuja fama tem espalhado largamente a origem, a Madeira era ainda desconhecida para outra parte do globo onde principalmente os nossos vinhos tem chegado adulterados atravez da mais descarada e ignobil falsificação.

Succede, porém, que um importante facto historico acaba de levar até os confins do Orbe o nome sympathico e atrahente da nossa Ilha, pelo facto d'ela albergar dentro dos seus muros duas figuras do maior relevo no momento critico que está passando a humanidade: S. M. I. Carlos IV e a sua Consorte, a Imperatriz Zita.

São dois regios azilados que a força do Destino fez acolher ao Sol bemdito d'esta Terra Sagrada.

Pois bem. Sem intuitos absolutamente nenhuns de exploração (e isto é bom aqui pôr claramente), mesmo porque não só a situação de S. S. M. M. Imperiaes, como tambem as suas proprias Pessoas não podem deixar de merecer o maior respeito e a mais alta consideração — pergunta-se: — que se tem feito para que a Madeira tire d'essa situação priveligiada que lhe foi creada, os mais legitimos e proveitosos beneficios?

— Como nada me consta a tal respeito, aguardo que alguém me elucide.

Antes de terminar esta carta, não posso deixar de por esta forma endereçar a S. S. M. M. Imperiaes os meus respeitosos cumprimentos, e de fazer votos para que, quando um dia sahirem d'essa Terra, levem d'ela a saudade no coração.

Funchal, Novembro 1921.

C. N.

Todo aquele que se interessar pela manutenção da «REVISTA DE TURISMO», deve dar-lhe o seu concurso, angariando-lhe assinantes e fazendo-lhe comunicações que interessem ao seu fim especial.

Composto e impresso no CENTRO TIPOGRAPHICO COLONIAL —
Largo Raphael Bordalo Pinheiro, 27 — (Antigo Largo d'Abegoria